

# Ser mãe numa vila colonial do ouro: vida (re)produtiva das mulheres da Paróquia de Antônio Dias de Ouro Preto, entre 1745 e 1804\*

*Being mother in a colonial gold village: the (re)productive life of a parish of Ouro Preto (Brazil), between 1745 and 1804*

Mario Rodarte; Isabella Oliveira; Michel Cândido de Souza

Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional  
Universidade Federal de Minas Gerais (Cedeplar/UFMG)

## Resumo:

Este artigo busca verificar, através de dados de 1.400 mães coletados em fontes do período de 1745 a 1804, da freguesia de Antônio Dias, pertencente à Ouro Preto, os perfis desse conjunto de mulheres em idade reprodutiva. A base de dados utilizada foi desenvolvida na tese de doutorado de Campos (2012) e é construída a partir da união de registros paroquiais, listas nominativas e livro de tombos – um corpus extremamente rico, que permite entender parte da história dessas mulheres. O método escolhido para análise é o *Grade of Membership* (GoM), através do qual foi possível inferir quatro perfis “puros” no conjunto de mulheres em estudo, denominados: escravas africanas ou crioulas; mineiras e mulheres de outras partes da colônia; mães do fim do *boom* aurífero; e primeiras mães de Ouro Preto. Os resultados apontam que a dinâmica econômica teve forte impacto nos comportamentos captados nos quatro perfis delineados.

**Palavras-chave:** Registros paroquiais; Lista nominativa de 1804; Fecundidade; Minas Gerais.

## Abstract:

This paper aims to verify, through data from 1,400 mothers from the period 1745 to 1804 of the parish of Antônio Dias (Ouro Preto), the standards characteristics of this group of women in reproductive age. The database, developed by Campos (2012), relies on the union of different types of historical data, as parish registers, nominative lists and other sources - an extremely rich database, that allows to understand part of the history of these women. The method chosen to analyze this database is the Grid of Membership (GoM), that made possible to infer four “pure” profiles: African or Criollo slaves; Mineiras and other Brazilian women; mothers of the end of the gold boom; and first mothers of Ouro Preto. The results show that the economic dynamics have a strong impact on the behaviors captured in the four delimited profiles.

**Keywords:** Parish registers; 1804' nominative lists; Fertility; Minas Gerais, Brazil.

\* Este estudo foi desenvolvido no Núcleo de Pesquisa em História Econômica e Demográfica do Cedeplar/UFMG no âmbito da pesquisa “Travessia: O processo de modernização da Minas Gerais Oitocentista pelos dados do censo econômico e demográfico de 1862”, coordenado pelo Prof. Mario Rodarte e com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

## I n t r o d u ç ã o

O recorte temporal de estudo que ora se apresenta abarca os períodos de auge (até aproximadamente a década de 1770) e, depois, de crise da economia de extração aurífera na capitania de Minas Gerais. Repudiou-se aqui qualquer alusão à ideia do *Ciclo do Ouro*, por ser esta considerada inapropriada pelas abordagens mais recentes constantes na historiografia econômica. Essa ideia antiga, porém sedutora, de que a economia colonial brasileira funcionava em ciclos, em que produtos primários se sucediam em importância no tempo, foi convenientemente suplantada já em 1942, com o trabalho seminal *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior (1992).

Para o autor dessa obra, era relevante evidenciar o *sentido da colonização*, isto é, a função das colônias de gerar, permanentemente, excedentes econômicos para suas respectivas metrópoles, estando, portanto, muito relacionado à história da expansão do comércio europeu, iniciada ainda nos séculos XIV e XV<sup>1</sup>. Como bem destacou Souza (2008, p. 176), Fernando Novais (1993) iria colocar o *sentido da colonização* como sendo os múltiplos fenômenos que, na abordagem marxiana, formaram a *acumulação primitiva de capital* e que, portanto, se constituíram como componentes fundamentais da transição do capitalismo para a sua forma industrial, centrada na Inglaterra<sup>2</sup>.

A percepção de que a colônia tinha um dinamismo mais independente da economia europeia fomentou o desenvolvimento de outra leitura sobre as relações metrópole-colônia e, mais tarde, centro-periferia, esta denominada *Arcaísmo como Projeto*, e defendida em livro homônimo por Fragoso e Florentino (2001), publicado originalmente em 1993. Segundo essa vertente, a ausência de grandes capitalistas comerciais numa economia portuguesa dominada por fidalgos determinou o surgimento de uma elite mercantil colonial. Essa elite nativa retinha parte

1 A ideia de ruptura da dinâmica da economia feudal aparece ainda mais radicalizada em Arrighi (1996). Ele postula que esse período teria sido o “marco zero” do capitalismo, com o mercado euro-asiático organizado pelas cidades-estados de Gênova, Veneza, Milão e Florença. A ascensão do capitalismo não se daria, contudo, afrontando diretamente o feudalismo, mas, pelo contrário, alimentando-se dele.

2 O *boom* aurífero seria, ainda, um elemento mais importante para o desenvolvimento industrial inglês, uma vez que financiaria o déficit da balança comercial de Portugal com a Inglaterra, pelo que foi estabelecido no Tratado de Methuen.

do excedente oriundo das atividades produtivas na colônia, sem, contudo, deixar de atender aos interesses da metrópole.

A autonomia garantida pelo capital acumulado pela elite comercial no Brasil era moderada e insuficiente em desenvolver mercado interno de forma dinâmica, pois os investimentos eram esterilizantes, uma vez que não retornavam para a produção e destinavam-se, na verdade, à compra de títulos e imóveis que garantiam renda. Ademais, a acumulação desse capital baseava-se no escravismo e em formas de trabalho não assalariadas.

O resultado da operação do capital escravista-mercantil defendido por Pires e Costa (2000), assim como por Souza (2008, p. 198) era uma sociedade extrema e permanentemente desigual, apesar de comportar mobilidades sociais ascendentes e descendentes<sup>3</sup>. Deve-se aqui analisar as trajetórias reprodutivas das mães residentes na Paróquia de Antônio Dias como espelhos, em grande medida, da estrutura produtiva da economia do ouro.

O presente texto é segmentado em quatro seções, além dessa introdução. O item a seguir faz um retrospecto dos estudos anteriores sobre fecundidade no período colonial. A parte subsequente trata de descrever o caminho metodológico percorrido para chegar aos resultados, que são apresentados na terceira parte do trabalho. Seguem depois, no último item, as considerações finais.

## Fecundidade no período colonial

Nesta seção, apresenta-se uma breve revisão da literatura sobre a fecundidade<sup>4</sup> no período colonial para o Brasil, assim como as estimativas geradas por esses estudos. Os trabalhos utilizados apresentam uma análise heterogênea, em que se incorporam diferentes regiões. Porém, são estimativas interessantes e benéficas para uma análise comparativa, ressaltando o cuidado necessário de considerar as particularidades regionais que influenciaram na construção desses indicadores.

Teruya (2000) entendeu que as bases teóricas dos estudos de família passam pelas matrizes conceituais da família patriarcal, tendo como um dos maiores expoentes Gilberto Freyre, cujos

3 Nas vilas do ouro, como dizia Holanda (1997), a extração aurífera *vis-à-vis* outras produções coloniais, tais como a do açúcar, permitia maiores oportunidades às pessoas de pequenas posses. A administração da extração pela Coroa foi favorável ao não fechamento da exploração do ouro aos fidalgos e elite colonial com vistas a manter elevada a produção de ouro.

4 Conforme Carvalho, Sawyer e Rodrigues (1998, p. 20) fecundidade é um termo que refere-se a relação de nascidos vivos e mulheres em idade reprodutiva (de 15 a 49 anos). Esta é uma função que retrata o potencial reprodutivo das mulheres.

estudos apontam para a existência de uma família extensa e rural, que se remodela em uma família nuclear e urbana. A família patriarcal que Teruya destacou é uma representação da própria estrutura colonial da época. Como o governo português não conseguia estar presente em toda a extensão territorial, era a família e seu patriarca que tomavam as rédeas do poder local. Porém, Teruya não deixou de mencionar que o estudo da família havia passado por um período de revisionismo. Dentro dessa nova perspectiva, no século XVII um modelo familiar diferente do modelo patriarcal era encontrado em São Paulo e, em maior número, no Nordeste. Para o território que viria a se constituir como Sudeste, Teruya (2000) enfatizou que a economia mineradora, especialmente em Minas Gerais, fracionou as famílias, assim como na economia cafeeira, em que esse modelo também se consolidou.

Nadalín (2003) reflete sobre o quanto a dinâmica malthusiana traduz a dinâmica demográfica do período colonial e os riscos ao se generalizar o comportamento de todas as regiões de uma colônia tão vasta territorialmente. O foco do autor é direcionado a população da atual região do Paraná que foi marcada pela economia pecuária e uma grande necessidade de construção de *identidade própria* nas palavras de Nadalín (2003, p. 228). Para a atual região de Curitiba, a análise de dados paroquiais do século XVIII apresentou famílias com uma média de oito filhos por casal para a população livre, mas Nadalín (2003) alerta que cabe a reflexão de até quanto a realidade demográfica da região paranaense explica a fecundidade brasileira na época. A população nessa região foi marcada por um intenso processo de mestiçagem especialmente com os indígenas e viu nos seus domicílios a dinâmica familiar mudar devido à conjuntura econômica. Nadalín (2003) destaca que a exploração dos diamantes e do ouro fez com que muitas mulheres fossem abandonadas por seus maridos, surgindo um número expressivo de domicílios chefiados por mulheres.

Teixeira (2005) traz um estudo focado na região de Campinas e na população livre. Os resultados encontrados, para o ano de 1794, foram: uma natalidade de 53 por mil, atingindo 70 por mil, em 1814, e uma média de quatro filhos por mulher. Comparativamente, Teixeira cita outros estudos de regiões paulistas, como Ubatuba, que apresentaram resultados diferentes dos alcançados, sugerindo a existência de mais de um regime demográfico dentro da própria região de São Paulo. Marcílio (1986) indica, em estudo anterior, uma natalidade de 50 por mil para a região Centro-Sul brasileira no século XVIII, valores próximos ao encontrado por Teixeira (2005) em 1794. Sem calcular a natalidade, Freitas (1986), no mesmo período que Marcílio, estuda o caso de Jundiaí, mas focando na distribuição do número de filhos por domicílio: das 26 propriedades analisadas, 59,7% apresentavam de 1 a 3 filhos; 29,3% de 4 a 6 filhos; 10,5% de 7 a 9 filhos; e 0,5% mais de 9 filhos. Mira (1986) analisa os registros paroquiais no período de 1714-1910, em Nossa Senhora do Rosário de Enseada Brito, atual região de Santa Catarina, e os resultados encontrados são uma idade média ao casar para as mulheres de 24 anos, além de um número médio de filhos por família de 4 a 6, e uma natalidade de 35 por mil.

Schwartz (1986) estuda a população escrava da Bahia, mas em seu artigo apresenta a maior compilação de taxas brutas de natalidade, já calculadas por outros autores para a época. O autor apresenta para várias regiões Taxas Brutas de Natalidade e Mortalidade, destacando as TBN's de Pernambuco em 1775 (41 por mil), Espírito Santo em 1817 (44 por mil), e Minas Gerais em 1815 com 36 por mil para brancos, 41 por mil para pessoas de qualidade (cor) não branca livres, e 33 por mil para escravos.

De maneira breve, buscou-se resgatar algumas contribuições de importantes autores para o entendimento da fecundidade no período colonial. Percebe-se uma ótima oportunidade de contribuição a este objeto de estudo, uma vez que o aumento de fontes permite análises mais precisas aliadas à métodos demográficos.

## Metodologia

### Fontes e dados

Os dados utilizados neste trabalho são resultado da tese de Campos (2012), que construiu uma base de dados longitudinal, que combina distribuição de mães e filhos por faixa etária quinzenal materna, no período entre 1745 e 1804.

A base de dados foi construída através do diálogo com diversas fontes históricas. Conforme aponta Campos (2012, p. 63), foram 8.123 registros de óbitos, 7.779 registros de batismos, e 1.036 registros de casamentos oriundos de registros paroquiais da Freguesia de Antônio Dias, no período de 1715 a 1804. Além dos registros paroquiais, também foram utilizadas a Lista Nominativa da Freguesia de Antônio Dias, de 1804, que contava com 4.548 indivíduos em 971 fogos<sup>5</sup>, e o Livro de Tombos do período de cadastramento de 1808, que registrava 471 imóveis da freguesia sujeitos ao pagamento de foros.

A construção da base de dados de Campos (2012) passou por diversas etapas, sendo o resultado de um trabalho minucioso. A primeira etapa consistiu no levantamento de cada informação proveniente das fontes em bases separadas: uma base de batismos, casamentos, óbitos; a Lista Nominativa de 1804; e o Livro de Tombos de 1808. A segunda etapa consistiu na padronização da grafia dos livros para viabilizar o cruzamento nominal das informações, sendo o nome de

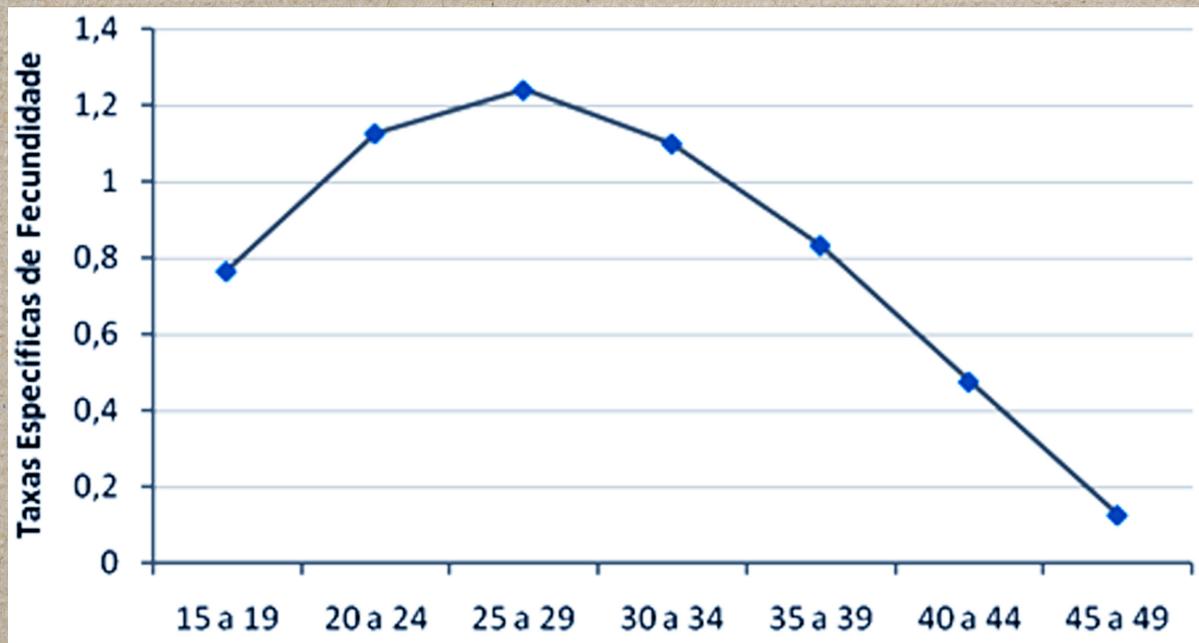
---

<sup>5</sup> Fogo é uma unidade patrimonial utilizada no passado, que mesclava unidade doméstica e produtiva. Como não há hoje uma correspondência para comparação, é impossível chamá-lo de domicílio.

batismo e família a principal variável para conexão dos registros. Nesta etapa, também foram realizados procedimentos de ajuste da declaração de idade. Por fim, Campos elaborou uma ficha única, com o cruzamento de todas as informações, de forma a obter a trajetória parcial do ciclo de vida dessas mulheres identificadas<sup>6</sup>.

A base final de Campos (2012) analisa a história de 1400 mães residentes na Freguesia de Antônio Dias com idade declarada, e que tiveram pelo menos um filho batizado de 1760 a 1804 – mães que batizaram filhos fora deste intervalo foram desconsideradas. Das 1400 mães selecionadas, 43,10% eram livres, 29,70% escravas, 27,10% forras, e 0,10% sem informação. No quesito qualidade<sup>7</sup> (cor), a maioria das mães estava declarada como crioula ou parda (75,50%). Já em relação o status marital, 57,5% eram casadas, e 42,50% solteiras. Campos (2012) calculou a função de fecundidade dessas mães, conforme Gráfico 1 abaixo:

**Gráfico 1** - Taxas Específicas de Fecundidade (TEFs) por idade de mães residentes na Freguesia de Antônio Dias, no período de 1745 a 1804.



Fonte: Campos (2012, p. 212).

A função de fecundidade dessas mães tem formato rejuvenescido e com lenta queda para os grupos etários mais velhos, indicando falta de mecanismos de controle de fecundidade, pois quando os mesmos existem, há uma queda mais brusca na função à medida que a idade avança. Essas mães tiveram, no período em análise, 5.509 filhos.

<sup>6</sup> Todos os procedimentos em detalhes estão descritos na tese de Campos (2012), *Sem dados não há demografia*, com destaque para o Capítulo 5 – Método de Construção do Banco de Dados.

<sup>7</sup> O termo qualidade, conforme Paiva (2015), era uma das inúmeras categorias usadas para distinguir os indivíduos na sociedade. De forma simplória, utiliza-se o termo *cor* entre parênteses, mas é um termo que vai muito além do tom de pele e merece uma discussão aprofundada que, porém, não será viável neste trabalho dado o limite de espaço e escopo da discussão.

A Tabela 1 mostra algumas relações estabelecidas através do banco de dados construído por Campos (2012), em que percebemos haver diferenciais de fecundidade por determinadas características, como qualidade (cor), condição e estado marital. O que propomos é analisar esse banco de dados sob um novo olhar, tentando identificar perfis de mães, assim como verificando aqueles que são perfis principais, com características mais marcantes, e perfis mistos. Para tal análise, o método de *Grade of Membership* (GoM) mostra-se adequado, uma vez que permite verificar a força dos perfis dentro de uma gama características.

**Tabela 1** - Taxas Específicas de Fecundidade por Faixas Etárias Quinquenais do de Mães Residentes de Freguesia do Antônio Dias, entre 1745 a 1804 (N=1400).

Características/ Faixa Etária	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	TFT	
Qualidade (cor)	Branca	0,51	1,08	1,36	1,45	1,00	0,63	0,07	6,10
	Africana	1,09	1,30	1,20	0,75	0,75	0,54	0,30	5,30
	Crioulas	0,79	1,08	1,17	1,08	0,85	0,43	0,14	5,53
	Pardas	0,68	1,14	1,32	1,15	0,88	0,56	0,12	5,85
Condição	Livre	0,66	1,09	1,34	1,27	0,89	0,60	0,16	6,01
	Escrava	0,98	1,18	1,11	0,89	0,72	0,37	0,09	5,33
	Forra	0,69	1,13	1,21	1,05	0,85	0,42	0,12	5,47
Estado Marital	Solteira	0,78	1,05	1,05	0,77	0,67	0,35	0,12	4,79
	Casada	0,74	1,23	1,45	1,42	1,00	0,60	0,13	6,57
Total		0,77	1,13	1,24	1,09	0,83	0,47	0,13	5,65

Fonte: Campos (2012, p. 213)

### O método Grade of Membership (GoM)

A Teoria dos Sistemas Nebulosos é o ponto de partida para compreensão da metodologia utilizada neste trabalho. Segundo Harris (1999), o objetivo dessa abordagem é processar informações de natureza vaga e incerta, possibilitando a modelagem e o enquadramento dessas informações em conceitos específicos. Ou seja, comparando a lógica matemática clássica com a nebulosa, no primeiro caso o pertencimento de um determinado elemento a certo conjunto é absoluto, enquanto que, no sentido binário, ou pertence ou não pertence. Já na lógica nebulosa, ou dos conjuntos difusos (*fuzzy sets*), os limites de pertencimento a determinado conjunto não são estabelecidos com precisão, além do que um mesmo elemento pode pertencer, em graus diferentes, a vários conjuntos.

O *Grade of Membership* (GoM) é um método de modelagem para dados categóricos, que permite o agrupamento dos indivíduos utilizando a mesma lógica dos conjuntos difusos. Essa forma de classificar os indivíduos parece ser mais adequada e aplicável ao conceito de formação domiciliar, em comparação aos métodos clássicos de agrupamento com formações pré-definidas.

A aplicação do método GoM requer, inicialmente, informações de um conjunto  $I$  de variáveis respostas discretas, ou características da população analisada, com um número  $L_j$  de subcategorias dentro de cada variável. De forma equivalente, pode-se definir  $Y_{ijl}$  como a resposta do indivíduo  $i$ , na categoria  $l$  da variável  $j$ .

Cada indivíduo de análise será caracterizado por uma quantidade de parâmetros individuais estimados, que são escores de pertencimento, denotados por  $g_{ik}$ , e indicam o grau de pertencimento do  $i$ -ésimo elemento ao  $k$ -ésimo perfil. Um indivíduo possui tantos parâmetros  $g_{ik}$  quantos forem os perfis formados. Tais escores variam num intervalo  $[0,1]$ , sendo que o escore 0 (zero) indica não pertencimento ao perfil extremo  $k$ , enquanto o valor 1 (um) indica que o perfil possui todas as características do  $k$ -ésimo perfil, considerando que, no final, a soma dos seus graus de pertencimento em todos perfis deve ser igual a 1.

Quanto mais um indivíduo  $i$  se aproximar do  $k$ -ésimo perfil extremo, maior o seu grau de pertencimento em relação ao mesmo e, conseqüentemente, menor em relação aos demais. Para  $g_{ik}$  impomos as seguintes condições:

$$g_{ik} \geq 0 \quad (1)$$

$$\sum_{k=1}^K g_{ik} = 1 \quad (2)$$

Já a probabilidade de resposta do nível  $l$  da  $j$ -ésima variável no perfil  $k$  é dada por  $\lambda_{kjl}$ . Essas probabilidades constituem-se, assim, em parâmetros de grupo. Tais parâmetros fornecem a magnitude com que a resposta  $l$  da variável  $j$  está associada ao  $k$ -ésimo perfil extremo, e também pode assumir valores entre 0 e 1. Para  $\lambda_{kjl}$  impomos as seguintes condições:

$$\lambda_{kjl} \geq 0 \quad (3)$$

$$\sum_{l=1}^{L_j} \lambda_{kjl} = 1 \quad (4)$$

A denominação de um perfil é feita com base na razão entre  $\lambda_{kjl}$  e a frequência marginal de cada atributo ou característica da população. Se  $\lambda_{kjl}$  para um dado perfil for superior à frequência marginal, isso significa que uma característica se apresenta associada em maior grau a tipos puros do perfil  $k$ .

Finalmente, a definição do número de perfis extremos pode ser baseada em critérios estatísticos ou conceituais. Neste estudo, procuramos adotar o critério estatístico, com a justificativa de que, com base neste critério, os agrupamentos poderiam emergir sem a preconcepção do pesquisador acerca de qual o grupo ideal, eliminando-se, assim, qualquer viés na definição dos agrupamentos.

Formalizando matematicamente, se partirmos das restrições postuladas acima (para  $g_{ik}$  e  $\lambda_{kjl}$ ), assumimos que a probabilidade de resposta  $l$  para a  $j$ -ésima variável para o domicílio  $i$ , condicionada aos valores de  $g_{ik}$ , é dada por:

$$Pr(Y_{ijl} = 1) = \sum_{k=1}^K g_{ik} \lambda_{kjl} \quad (5)$$

Por fim, para obtermos  $(g_{ik}$  e  $\lambda_{kjl})$ , maximizamos a seguinte função verossimilhança:

$$L(y) = \prod_{i=1}^I \prod_{j=1}^j \prod_{l=1}^{L_j} \left( \sum_{k=1}^k g_{ik} \lambda_{kjl} \right)^{y_{ijl}} \quad (6)$$

O método de máxima verossimilhança, em poucas palavras, é uma abordagem utilizada para estimarmos parâmetros desconhecidos de um modelo populacional limitado estático. A abordagem busca encontrar os parâmetros que maximizem a função verossimilhança utilizada e que melhor representem os dados dispostos.

Contudo, como afirmam Guedes *et al* (2010), por se tratar de um método de maximização estatístico, o procedimento utilizado para solução do GoM envolve aproximações e pontos de partida para estimação dos resultados. Ou seja, o algoritmo busca a convergência dos resultados por meio de uma matriz de probabilidades iniciais. Logo, dependendo da matriz utilizada (que pode ser fornecida ou gerada aleatoriamente), os resultados podem oscilar conforme as repetições do modelo, o que gera a preocupação de estarmos observando máximos locais, e não globais, para solução do problema.

Para contornarmos tais situações de gargalo do método de verossimilhança, o programa GoM 3.4<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Utilizamos o programa GoM versão 3.4, desenvolvido por Peter Charpentier, da Escola de Medicina da Universidade de Yale, e adaptado para a plataforma Unix por Rafael Kelles Vieira Lage (Sun Microsystems).

foi executado algumas vezes para verificarmos o nível de oscilação dos resultados, dando maior robustez ao trabalho e possibilitando a identificação mais próxima da existência (ou não) de um máximo global.

## As trajetórias reprodutivas das mães

Foram introduzidos no modelo 27 variáveis que permitem delinear os perfis de trajetórias de vida reprodutiva das mães habitantes de Antônio Dias. Os resultados podem ser observados na Tabela 2 (Anexos). Segue a análise dos perfis puros.

### Perfis extremos

*P1: Escravas africanas ou crioulas:* As mulheres aqui incluídas eram solteiras em sua maioria. Quando casadas, seus maridos eram africanos. As informações ocupacionais disponíveis sugerem que eram escravas de ganho de fogos que desempenhavam várias atividades econômicas por terem os chefes listados em *agências*, quando estes não eram mineradores. As próprias escravas exerciam atividades de comércio. O início da vida reprodutiva era precoce, entre 15 e 19 anos. Algumas morriam cedo, antes dos 40 anos, às vezes com complicações do parto. Tinham elevada parturição jovem, tendo entre 4 a 6 filhos antes de completarem 30 anos. A partir daí, encerravam o período reprodutivo, de forma mais precoce que em outros perfis.

Em 1748, nascia uma mulher na África que, traficada para o Brasil e indo residir nas lavras de Antônio Dias, viria a ser uma das mulheres que tinham total identificação com esse perfil. Cativeira de Manoel Dias Guimarães, Tomásia Angola teve a experiência da maternidade logo aos 15 anos, sem se casar. Viveu pouco, vindo a morrer com apenas 24 anos, provavelmente em decorrência de complicações do parto do seu quinto filho.

O caráter efêmero da vida dessas mulheres exploradas pela escravidão, em especial no auge da mineração, fez com que poucas sobrevivessem até o censo de 1804. Ana Banguela seria uma das poucas exceções, mas tendo apenas 74% de identificação com esse perfil de mãe. Tinha 35 anos quando foi listada na periferia de Antônio Dias, no fogo de Maria da Costa de Oliveira, uma parda de 48 anos (pelo seu registro de batismo, 57 anos), conforme consta em Mathias (1969, p. 135). Além das duas, esse fogo feminino tinha apenas mais três escravas crioulas entre 19 e 11 anos, provavelmente filhas de Ana Banguela. Como as demais mães desse perfil, sua fecundidade foi precoce. Pelos

dados dos registros paroquiais, Ana Benguela, solteira, teria tido seis filhos, sendo o primeiro parto ainda quando ela tinha entre 15 e 19 anos, e o último quando tinha entre 30 e 34 anos.

*P2: Mães mineiras e de outras partes da colônia:* Naturais de Antônio Dias e arredores, quando não vindas de outras freguesias de Minas ou de outras capitanias. Essas mães eram, sobretudo, pardas e casadas com homens também oriundos de Antônio Dias e outros lugares de Minas. Eram livres ou libertas na sua vida adulta. Supostamente essas mulheres pertenciam a fogos que produziam manufaturados, sendo elas mesmas também trabalhadoras em atividades manuais e mecânicas. Eram mais longevas que as escravas, em geral vivendo entre 35 e 60 anos. Não havia evidência de que morriam em decorrência dos partos. O início da vida reprodutiva era pouco mais tardia do que as escravas. Algumas começavam a ter filhos após os 20 anos. Contudo, tinham período de espaçamento entre filhos baixo, pela frequência de partos: geralmente até os 29 anos de idade já tinham de 3 a 6 filhos, chegando até a 10 filhos.

Batizada em 1751 na própria paróquia de Antônio Dias, Maria Josefa da Conceição se enquadra nesse segundo perfil. Parda, casou-se aos 20 anos com o português Félix Dias Monteiro. Ela teve 11 filhos, sendo o primeiro antes do casamento. Quando morreu, em 1801, aos 50 anos, seu marido já havia morrido um ano atrás e o seu filho mais novo já contava com mais de 10 anos. Por residirem em região de lavra, é possível que o fogo do casal desempenhasse funções relativas à mineração.

A parda Vicência de Araújo Silva era outra mãe identificada nesse perfil. Nascida escrava na Paróquia da Candelária, no Rio de Janeiro, no censo de 1804 ela aparece com 40 anos, já forra e separada do seu esposo Manuel da Silva Freitas, e chefiando um fogo, de sete pessoas, no centro de Antônio Dias (MATHIAS, 1969, p. 37). Vicência e suas outras três filhas mais velhas (de 25 a 13 anos) trabalhavam com costuras, enquanto a única agregada, Juliana, uma crioula de 60 anos, vivia de esmolas. Os outros dois filhos menores de 10 anos não aparecem com ocupações declaradas. Pelos dados dos registros paroquiais, Vicência teria tido, até os 40 anos, 12 filhos, sendo que apenas um havia nascido antes de ela completar 20 anos.

*P3: Mães do fim do boom aurífero (1752-1788):* Elas eram nascidas em Ouro Preto, na sua maioria, o que sugere consolidação da população nativa do lugar. A prevalência de pardas entre as mães do fim do boom aurífero também sugere o processo de miscigenação inerente à formação da população brasileira, em geral, e as especificidades do afluxo populacional de várias origens para as áreas de mineração de Minas Gerais, em particular. A maior presença das mães desse perfil residia no núcleo central de Antônio Dias e, em especial, na sua periferia, o que reflete, talvez, as transformações daquela sociedade, que foi se deslocando das lavras para os demais espaços, com a diversificação das atividades econômicas. O papel que desempenhavam no fogo, bem

como as funções econômicas, tanto do fogo como da mãe, não são demarcados, o que sugere generalização desses aspectos. Sabe-se, contudo, tratar-se de mães livres na quase totalidade. Quando casadas, seu cômputo originava-se da própria região de Ouro Preto e arredores.

O primeiro parto era geralmente mais tardio que os dois perfis anteriores, dando-se a partir dos 18 anos, mas sendo frequente também entre os 25 e 29 anos. Além disso, tinham menor fecundidade, gerando, normalmente, apenas de um a dois filhos antes de chegar aos 30 anos, o que pode sugerir a influência da diminuição das perspectivas econômicas, com a crise da mineração, no desejo de ter filhos. A proximidade do tempo de vida dessas mães com o limite superior da pesquisa faz com que não se permita traçar a parte final da história de vida delas com muita precisão, pois poucas delas morreram antes de 1804.

Uma dessas mulheres que estão listadas no censo de 1804 é Florência Pinto das Neves, que nasceu em Antônio Dias em 1771. Parda, aparece no censo casada com o também pardo Francisco Camilo de Mendonça. Quando o censo é feito, Florência teria 33 anos (embora tenha sido registrada com 30 anos), e o marido tinha idade próxima à dela (29 anos). Residiam, nessa época, na periferia de Antônio Dias, no distrito de Alto da Cruz. Provavelmente, a renda do fogo era obtida pela função militar do marido, membro do “2º regimento da Cavalaria de Mariana”, e do trabalho do único escravo africano que possuíam, Felipe Banguela, então com 36 anos. Com apenas cinco anos de casados, Florência e Francisco já teriam tido quatro filhos, segundo os registros de batismo. Todos após o casamento. Contudo, no censo há a declaração de apenas um filho, Francisco, de dois anos. Como nos outros casos, a razão para essa discrepância pode ser atribuída à mortalidade e ao sub-registro de crianças.

*P4: Primeiras mães de Ouro Preto (1715-1752):* Este perfil não circunscreve apenas os primeiros nativos das recém-instituídas paróquias de Antônio Dias e dos arredores de Ouro Preto, por incluir algumas portuguesas e africanas. As primeiras mães de Ouro Preto residiam, sobretudo, nas áreas de lavras auríferas. Quando mães, na sua maioria eram livres ou já alforriadas. Nos fogos, ocupavam o lugar de agregadas ou, em especial, de esposas dos chefes que, via de regra, eram naturais da Colônia, ou mesmo vindos de Portugal. Mineração, comércio e artes manuais e mecânicas eram atividades centrais praticadas nesses fogos, quando não eram chefiados por funcionários públicos ou profissionais liberais. As fracas evidências sugerem que as mães pertencentes a esse perfil tinham vida econômica ativa, muitas vezes voltada para o comércio. Há evidências de que pudessem ter tido vida mais longa, se comparado aos outros perfis de mães, com muitas morrendo com 60 anos ou mais. Como se supõe, as mortes não estavam relacionadas aos partos. O primeiro parto inaugurava a vida reprodutiva em idade mais avançada, a partir dos 30 anos. Muitas tinham filhos até o final da sua fase fértil. Entretanto, elas chegavam ao final do período reprodutivo com poucos filhos, em geral, um número não superior a quatro.

A branca Maria de S. José de Oliveira tem a trajetória de vida identificada com esse perfil. Ela tinha nascido em Marina, aproximadamente em 1730, com ambos os pais vindos de São Paulo. Aos 16 anos, casou-se com o comerciante português Antônio de Fontes Leal e com ele ficou até os seus 38 anos, quando se tornou viúva. A constituição do banco de dados permite apenas que se analise o comportamento reprodutivo dela a partir dos 30 anos.

No censo de 1804, Maria de Oliveira, já com 74 anos (ou 68 declarados), aparece em fogo solitário, no centro de Antônio Dias, desacompanhada, portanto, de qualquer um dos quatro filhos que ela teve a partir dos 30 anos (MATHIAS, 1969, p. 30). O mais velho, se vivo, estaria então com idade próxima a 36 anos.

### Representatividade dos perfis puros e mistos

Um aspecto importante da análise de GoM diz respeito à possibilidade de se ter dimensão da quantidade de elementos (no caso, mães) enquadrados em cada um dos perfis. Empregando uma expressão booleana, em que as mães identificadas aos perfis puros teriam elevada identificação com os perfis extremos apresentados acima<sup>9</sup>, observou-se que os perfis puros representaram a metade das trajetórias de vida reprodutiva, como mostra a Tabela 2.

**Tabela 2** - Distribuição das mães segundo tipos puros e mistos – Paróquia de Antônio Dias – 1745-1804.

Perfis puros e mistos de mães	Mães	
	N.	%
Total de mães	1.400	100,0
Perfis puros	699	49,9
P1: Escravas africanas ou crioulas	111	7,9
P2: Mães mineiras e de outras partes da colônia	124	8,9
P3: Mães do fim do boom aurífero (1752-1788)	256	18,3
P4: Primeiras mães de Ouro Preto (1715-1752)	208	14,9
Perfis mistos	426	30,4
Amorfos	275	19,6

**Fonte:** Elaborado por Campos (2012) a partir do Banco de Dados Demográficos da Paróquia de Antônio Dias.

As trajetórias reprodutivas de mães que conciliavam elevada pertinência de apenas dois perfis extremos, que são os chamados perfis mistos, respondiam por 30,4% dos casos<sup>10</sup>. Apenas 19,6% das mães tinham perfis pouco pautados pelos perfis extremos, de modo que conformariam o perfil amorfo.

<sup>9</sup> Assumiu-se que, para a mãe pertencer ao perfil puro x, ela teria de ter, ao menos, 70% de identificação com os perfis extremos x, isto é, 70% de pertinência a x ( $g_x > 0,70$ ). Para uma discussão mais aprofundada sobre agrupamentos dos elementos, ver Guedes et al. (2016, p. 86).

<sup>10</sup> Para definição dos perfis mistos, as mães teriam de ter, ao menos, 40% de ambos os perfis extremos predominantes.

## Considerações finais

Como nos apontaram Fragoso e Florentino (2001) e Souza (2008), a economia colonial era um sistema gerador de desigualdade, o que, de forma iterativa, repercutia criando (e refletindo) diferentes condições de vida e padrões de comportamento. O presente trabalho buscou evidenciar a multiplicidade de condições reprodutivas para além do que já havia sido evidenciado pela autora da própria base de dados aqui utilizada (CAMPOS, 2012).

Campos (2012, p. 214) havia apontado, no quesito qualidade (cor), a menor fecundidade das africanas e crioulas em contraposição às brancas e às pardas e, em relação à condição social, a menor fecundidade das mães escravas em relação às livres. Mostrou-se, agora, haver uma relação das mães oriundas da base da pirâmide social com uma entrada mais precoce na vida reprodutiva, o que, adicionado ao maior estado de pobreza e vulnerabilidade, poderia acarretar numa maior frequência de mortes por complicações no parto.

Também é possível vislumbrar a mudança do comportamento reprodutivo à medida que a euforia com a maior extração aurífera vai cedendo espaço para a estagnação econômica. Segundo a perspectiva malthusiana, a diminuição de oportunidades econômicas pode gerar um adiamento do casamento (e correspondente diminuição da fecundidade) em algumas sociedades, o que foi denominado xeque preventivo ao crescimento demográfico. Embora o perfil das mães do fim do *boom* aurífero se relacione a uma fecundidade mais tardia (a partir de 18 anos), mais estudos precisam ser desenvolvidos para se ter uma avaliação mais precisa das razões desse comportamento.

## Referências

ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. 393p.

CAMPOS, Kátia M. N. *Sem dados não há Demografia: uma proposta para a criação de um banco de dados demográficos e sua aplicação a uma paróquia mineira 1760-1804*. 2012. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2012.

FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo. *O arcaísmo como projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia*. Rio de Janeiro, c.1790-c.1840. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 251 p.

FREITAS, José Luís de. O mito da família extensa: domicílio e estrutura fundiária em Jundiaí (1818). In: COSTA, Iraci del Nero da. (Org.). *História Econômica e Demográfica*. São Paulo: IPE-USP, 1986. p. 205-222. (Série Relatórios de Pesquisa, 27).

GUEDES, Gilvan Ramalho; SIVIERO, Pamila Cristina Lima; MACHADO, Carla Jorge. Aspectos práticos na identificação de um modelo Grade of Membership (GoM) de máximo global: o uso da moda das probabilidades estimadas. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 473-478, dez. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-30982011000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982011000200014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 2 fev. 2017.

GUEDES, Gilvan Ramalho. et. al. *Grade of Membership: conceitos básicos e aplicação empírica usando o programa GoM para Windows, Linux, Stata e R*. Belo Horizonte: UFMG, 2016. 138 p.

HARRIS, Ana Lúcia Nogueira de Camargo. *Metodologias baseadas na Teoria dos Sistemas Nebulosos (Fuzzy Systems Theory) para o tratamento das informações subjetivas do Projeto Arquitetônico*. 1999. 160 fls. Tese (Doutorado em Engenharia Civil) – Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1999.

MATHIAS, Herculano Gomes. *Um recenseamento na Capitania de Minas Gerais: Vila Rica – 1804*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1969. 208p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Metais e pedras preciosas. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *História geral da civilização brasileira: a época colonial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. (v. 1, t. 1). p. 259-310. MARCÍLIO, Maria Luiza. A população do Brasil em perspectiva histórica. In: COSTA, Iraci del Nero da. (Org.). *História Econômica e Demográfica*. São Paulo: IPE-USP, 1986. p. 11-27.

MIRA, Marly A. F. B. A história demográfica da ilha de Santa Catarina e o continente fronteiro. In: COSTA, Iraci del Nero da. (Org.). *História Econômica e Demográfica*. São Paulo: IPE-USP, 1986. p. 309-322

NADALIN, Sergio Odilon. A população no passado colonial brasileiro: mobilidade versus estabilidade. *Revista Topoi*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 222-275, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v4n7/2237-101X-topoi-4-07-00222.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

NOVAIS, Fernando A. *Estrutura e dinâmica do antigo sistema colonial: (séculos XVI-XVIII)*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. 106p.

PAIVA, Eduardo F. *Dar nome ao novo: uma história lexical da Ibero-América entre os séculos XVI e XVIII (as dinâmicas de mestiçagens e o mundo do trabalho)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

PIRES, Júlio Manuel; COSTA, Iraci del Nero da. O capital escravista-mercantil: caracterização teórica e causas históricas de superação. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 14, n. 38, p. 87-120, abr. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142000000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142000000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 fev. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142000000100006>.

PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*: Colônia. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. 390p.

SCHWARTZ, S. B. A população escrava na Bahia. In: COSTA, Iraci del Nero da. (Org.). *História Econômica e Demográfica*. São Paulo: IPE-USP, 1986. P. 37-76.

SOUZA, João Paulo A. de. Entre o sentido da colonização e o arcaísmo como projeto: a superação de um dilema através do conceito de capital escravista-mercantil. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 173-203, jan./mar. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-41612008000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612008000100008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 fev. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-41612008000100008>.

TEIXEIRA, Paulo Eduardo. A fecundidade da população livre em uma economia de plantation. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. *Anais...* Londrina: ANPUH, 2005. p. 1-8. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0821.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

TERUYA, Marisa Tayra. A historiografia da família brasileira: bases e perspectivas de análise. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., 2000, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ABEP, 2000. p. 115-115. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1041>>. Acesso em: 20 fev. 2018.